



Entrevistada: Miguel Alves de Lima

Entrevistadora: Mônica Machado

Entrevista realizada em 02 de outubro de 2001

Mônica Machado: Professor Miguel o Sr. é formado em Geografia e História pela UERJ?

Miguel Alves de Lima: Na UERJ, licenciatura e bacharelado, aí no resumo bibliográfico tem a data de formatura, tem tudo.

Mônica Machado: O senhor se dedicou mais a Geografia Física?

Miguel Alves de Lima: Sim, mais a Geografia Física. Eu não ia fazer Geografia, primeiro eu quis ser aviador, entrei para a aviação naval mas tive um problema de pressão alta que tenho até hoje, então depois de estar lá dentro me mandaram embora. Aí resolvi fazer engenharia, fiz dois anos e não passei, não consegui classificação, na antiga Escola Politécnica, aí comecei a trabalhar, meu pai morreu, fui trabalhar no IBGE, era auxiliar de desenhista. Tinha uma irmã que trabalhava lá no antigo Conselho Nacional de Geografia. Isso foi em 1938. O IBGE naquele tempo em que se fazia Geografia no Brasil, o secretário-geral do antigo Conselho Nacional de Geografia (pois o IBGE era constituído de três instituições o Conselho Nacional de Geografia, Conselho Nacional de Estatística e Comissão Censitária Nacional, depois chamou-se Serviço Nacional de Recenseamento), que na época havia o presidente do IBGE e um secretário-geral para cada uma dessas instituições, Christóvam Leite de Castro, um homem notável para a Geografia Brasileira. Ele era engenheiro e quis fazer Geografia, mas o trabalho não deixou e o Orlando Valverde foi colega dele. O Orlando fez o curso após sair da Escola Naval, ele saiu da Escola Naval também para fazer Geografia. O Christóvam Leite de Castro, fez também Geografia na UDF na mesma turma que o Orlando Valverde, era um sujeito com uma visão fantástica e naquela época estava começando a Geografia no Brasil. Então o que ele fez, começou a mandar os geógrafos do Conselho Nacional de Geografia para fazer curso no exterior, curso com os maiores geógrafos do mundo. Então a primeira turma, acho que 1945 ou 1946, foi para os EUA para três universidades onde estavam três grandes geógrafos americanos. Para a Universidade de Wisconsin, onde também trabalhava o Leo Waible, que chegou a passar um bom tempo conosco no Brasil. Mandou outro grupo para Chicago, o Lúcio Castro Soares foi para lá trabalhar com outros grandes geógrafos que estavam em Chicago e o José Veríssimo da Costa Pereira, que foi um grande geógrafo brasileiro que era autodidata, foi para Northwestern, trabalhar com outro grande geógrafo americano. Esse pessoal ficou lá dois anos um ano e pouco estagiando lá e depois veio embora para o Brasil. O Fábio Macedo Soares, que era cara fora de série era um engenheiro notável, mas fez também Geografia e História tem as duas formações, um grande geógrafo brasileiro, fabuloso e veio para cá. Uma segunda turma foi mandada para o exterior e eu fui nessa segunda turma, fui mandado para a França, onde estavam grandes geógrafos também. Então eu fui ficar em Paris, o Geiger foi para Hannover, o Héldio Xavier Lenz Cesar, foi para Estrasburgo, a Elza Keller foi para o sul da França para Monserrant e a Miriam Mesquita foi para Montpellier. O Demartone estava aposentado já, velhinho, mas dava um curso, tenho até um documento aí que depois eu vou mostrar, que é uma autorização do próprio punho dele para eu fazer o curso. Então ele dava o curso para agrônomos que iam trabalhar na África do Norte, ele me deu uma autorização para eu fazer esse curso, eu fiz esse curso com ele em dois meses. E o meu chefe de estudo lá, era o André Choley, que era o decano da Faculdade de Letras da Universidade de Paris da Sorbonne, e diretor do Instituto de Geografia. O André Choley me disse “Você está recomendado pelo Ruellan que foi meu colega, meu amigo”. O Francis Ruellan, foi o professor que me mandou para lá, me deu um curso de três anos e meio de Geomorfologia, aí eu embarquei na dele. Aí eu embarquei na Geografia do Ruellan, passei três anos e meio do IBGE trabalhando com ele.

Mônica Machado: O Ruellan já estava aqui no Brasil?

Miguel Alves de Lima: Já, ele passou 15 anos no Brasil. Ele chegou aqui no Brasil por volta de 1946. Ele lecionou na Faculdade Nacional e em São Paulo. Ele foi um grande formador de muitos geógrafos no Brasil.



Mônica Machado: E como ele veio para cá via IBGE?

Miguel Alves de Lima: Via IBGE, o IBGE o contratou como consultor científico e ele foi ao mesmo tempo lecionar na Faculdade Nacional de Filosofia.

Mônica Machado: Porque que os geógrafos foram para os EUA e para França?

Miguel Alves de Lima: Porque era onde estavam os maiores geógrafos do mundo. Eu fui trabalhar com o De Martone com Choley e depois conheci o Tricart, Jean Tricart que foi um grande amigo meu, ainda agora estive na França há poucos meses, mês passado e falei com ele por telefone. O Tricart está vivo até hoje. O Choley recomendou que eu renovasse a bolsa, fiquei um ano e meio aí ele renovou sem que eu pedisse nada. Inclusive eu trabalhei com ele no preparo da tese dele lá. O Cholley me disse “Eu recomendei que renovassem sua bolsa” para você fazer um curso regular aqui. E os professores eram Max Sorre, Choley, Tricard, Demartone, eu podia me matricular nas aulas deles. Aí o Leite de Castro falou não senhor, você tem que voltar, temos que dar oportunidade a todos os colegas que estão aqui e mandou uma outra turma para a França, Marília Veloso e outros e foram para outras universidades na França para Rennes, para Bordeaux. A ideia era que a gente assimilasse, veja bem a visão de Leite de Castro, se eu mandar esse pessoal para trabalhar com esses cavalheiros, que são os grandes geógrafos da atualidade, se um dia o Brasil conseguir construir uma Geografia, ela será um mistura de todas essas influências importantes que acontecem no mundo. Daí ele ter mandado esse pessoal não só para países diferentes com para Universidades diferentes. Atrás dos professores, não das universidades. E assim eu passei esse tempo lá e quando eu voltei, fui chefiar uma sessão no IBGE e todo esse pessoal trabalhou comigo o Orlando Elza Keller, por exemplo. E a minha função era orientar o pessoal. O Héldio, que foi comigo fazer estágio na França ficou lá, casou-se com uma francesa uma colega, depois se separou, voltou, foi para os EUA e depois ficou lá de vez. Eu falei com ele semana passada. Esse pessoal recebeu influência de fora. Aí o IBGE começou a chamar professores estrangeiros para vir para o Brasil. Além do Ruellan que já estava aqui, o Leo Waibel, convidado por Fábio e do Orlando, que era muito amigo dele, quando estavam estudando com ele em Wisconsin, EUA. O Waibel (que casou com uma judia e veio para a América para fugir do nazismo, para os EUA e para o Brasil) veio trabalhar aqui e passou cinco anos conosco. Eu fiz cursos com ele aqui no Brasil, viajei muito com ele pelo sul do Brasil. Dansereux,, da Universidade de Montreal, grande biogeógrafo, também esteve aqui por algum tempo convidado pela Rosa Romariz. Essa era a visão do Christovam Leite de Castro. E assim foi se formado o primeiro grupo de geógrafos do IBGE. O que foi uma situação diferente deixou de botar na direção dos quadros do IBGE. De modo que esse foi o começo, o meu treinamento. Em vez de estudar engenharia acabei estudando Geografia com Ruellan. Quando eu voltei eu não tinha feito o curso de Geografia no Brasil e portanto não tinha permissão para lecionar. Então eu resolvi fazer o vestibular na antiga Universidade do Estado do Rio de Janeiro, que era lá no prédio do Instituto La-Fayette. As aulas eram lá no La-Fayette, na sede do La-Fayette mas era uma Faculdade independente, acho que não era do La-Fayette. A sede era no Instituto La-Fayette, mas a faculdade não era do La-Fayette. Havia professores do Pedro II e do La-Fayette, nunca foi do La-Fayette. Aí nós passamos a ter aula ali e me formei ali, fiz bacharelado e depois licenciatura. O Hugo Segadas Viana era o chefe de Departamento lá, em 1946 e 1947, e que foi aluno e professor do Pedro II e eu fui aluno do Pedro II internato e fui aluno dele.

Mônica Machado: O senhor foi professor do Pedro II?

Miguel Alves de Lima: Não, nunca lecionei no segundo grau.

Mônica Machado. O Hugo era irmão do Fernando Segadas Viana?

Miguel Alves de Lima: Não, Fernando era primo dele. O Fernando era agrônomo e trabalhava no Museu Nacional.

Mônica Machado: E a Teresinha Segadas Viana?

Miguel Alves de Lima: Não tem nada a ver com ele, ela era filha do general Segadas Vianna. Ela casou com o Jorge Soares, está vivo até hoje. Teresinha frequentava o Conselho Nacional de Geografia, mas nunca foi de lá. Já a Lysia, que foi minha estagiária, e o Nilo trabalharam comigo no IBGE.



Mônica Machado: *E porque o senhor não foi fazer Geografia na Universidade do Brasil?*

Miguel Alves de Lima: Por causa do horário, eu trabalhava no IBGE e só estava livre a partir de 17:40.

Mônica Machado: *De que o Sr. foi aluno na época em que cursou a graduação na UERJ?*

Miguel Alves de Lima: De Honório Silvestre, que foi professor de Geografia do Pedro II, quem eu substitui, ele me chamou para ser assistente dele. Que aliás foi uma coisa engraçadíssima, eu tinha chegado a conclusão de que eu não queria saber mas do ensino. O pessoal reclamava que o Honório só dava aula falando para mim. Ela já estava velho, era um autodidata e tinha uma das maiores bibliotecas na época sobre geografia. Quando eu me formei então o Honório pediu ao Segadas para me convidar para ser assistente dele. Aí eu disse que não queria saber de ensino, aí o Segadas disse então o Honório está muito zangado comigo, porque ele nunca havia pedido um assistente. Aí fui ser assistente do Honório, isso foi em outubro de 55 ou 56. E no início dos anos 60 o Honório morreu e eu tive que pegar toda a carga de aula dele. Em 60 eu fui trabalhar no Uruguai, em 62 que fui para o Peru, licenciado da Universidade. Quando eu cheguei no Peru, recebo um telegrama da Universidade, dizendo que deveria me apresentar para fazer um concurso de docência doutorado, que eu havia me inscrito anos antes. Eu vim fazer o concurso e virei livre docente de Geografia da UERJ.

Mônica Machado: *O Honório de Sousa Silvestre, trabalhava com Geografia Física?*

Miguel Alves de Lima: Ele era um geógrafo autodidata, não tinha curso nenhum e tinha uma memória fantástica e foi meu professor no Pedro II, ele era catedrático de lá. O Hugo Segadas Viana foi meu professor de Geografia Humana, o Fernando Antonio Raja Gabaglia, que foi diretor do Pedro II e professor da UERJ. Ele era advogado e um geógrafo famoso. Ele tinha uma cultura fantástica. João Capistrano também era um sujeito fantástico, muito culto, uma bicha louca, conhecido no Pedro II. Ele também deu aula na UERJ, da chamada Geografia Geral. Era muito bom professor, muito culto, excelente geógrafo. O Fernando teve mais projeção, foi diretor do Pedro II e uma produção muito boa. Eu fui aluno do Fernando no Pedro II. Eu fiz cinco anos no internato do Pedro II, que era lá em São Cristóvão.

Mônica Machado: *E um professor chamado Ayrton Bittencourt Lobo?*

Miguel Alves de Lima: Era um militar, não conheci bem o Ayrton Lobo, sei que ele era muito famoso, era militar, um coronel do exército.

Mônica Machado: *E o Delgado de Carvalho?*

Miguel Alves de Lima: O Delgado eu conheci no IBGE, ele foi consultor científico no IBGE, e um fantástico geógrafo, um dos pais da Geografia Brasileira. Nasceu na França, viveu na França, o seu segundo idioma era o português o primeiro era francês, era uma pessoa com uma cultura fantástica. Foi professor no Pedro II, foi muito excelente professor e grande geógrafo. Como ele tinha uma cultura fantástica ele era convidado a dar aulas em diferentes cursos.

Mônica Machado: *E o Gelson Rangel?*

Miguel Alves de Lima: Gelson foi meu aluno, no IBGE. É um bom geógrafo também. Foi para França e acabou casando e ficando por lá.

Mônica Machado: *E a Amélia Alba Nogueira?*

Miguel Alves de Lima: Era muito boa aluna. Morreu no desastre de avião. Era excelente aluna. Foi minha aluna ela. Deu aula também na UERJ.

Mônica Machado: *O Faissol?*

Miguel Alves de Lima: O Faissol foi meu colega, trabalhou comigo no IBGE, era excelente geógrafo. Fez curso nos EUA e trabalhou com Preston James. Depois ele entra para a UERJ já aposentado do IBGE.



Mônica Machado: E a Marita Pimenta?

Miguel Alves de Lima: Muito boa professora, muito dedicada. Ela acabou se aposentando muito cedo.

Mônica Machado: O Hédlio Xavier Lenz Cesar, de quem o Sr. falou anteriormente?

Miguel Alves de Lima: O Hédlio era excelente geógrafo, especializado em métodos quantitativos e cartografia geográfica. Ele foi também professor da UERJ. Ele foi para os EUA, foi trabalhar na ONU, trabalhou lá muito tempo, se aposentou lá e nunca mais voltou.

Mônica Machado: Se comparássemos os cursos da UERJ com os outros dois da UFF e da UFRJ, quais eram as principais diferenças?

Miguel Alves de Lima: A Nacional sempre teve mais nome que a UERJ, tradição, primeira Universidade etc.. Teve muito bons professores sempre. E eles tiveram mais projeção do que a UERJ. Mais na UERJ também havia muito bons professores, professores de primeira categoria, de muito talento. Eu também trabalhei no Ministério da Educação, emprestado do IBGE, era um trabalho de educação rural. Eu era Chefe do setor de estudos, da Campanha Nacional de Educação Rural, o Orlando foi trabalhar comigo. Meu trabalho qual era? Era ir fazer estudos geográficos, mas com objetivo de saber quais eram as áreas em que o trabalho da Campanha daria melhor resultado. Isso foi nos anos 60.

Mônica Machado: Então o senhor trabalhava na UERJ, no IBGE e no Ministério Trabalho?

Miguel Alves de Lima: Não, quando eu estava no Ministério da Educação eu fiquei dispensado do IBGE, depois retornei. Na UERJ eu sempre lecionei. O trabalho de pesquisa na UERJ foi muito pouco, porque não havia condições, não havia recursos.

Mônica Machado: É possível falar em uma Geografia carioca?

Miguel Alves de Lima: É possível falar em geógrafos cariocas, como o Fábio Soares Macedo Guimarães, o Orlando Valverde, a maioria das pessoas do IBGE. O Hilgard, o Hugo Segadas Viana, Dora Romariz, Alceu Magnanini, Lysia e Nilo Bernardes.

Mônica Machado: Mas o Sr. considera que houve uma Geografia carioca?

Miguel Alves de Lima: Não existiu uma geografia carioca, nunca houve.

Mônica Machado: No Brasil quais os geógrafos que realmente pensaram o país com um todo?

Miguel Alves de Lima: Delgado de Carvalho, Fernando Raja Gabaglia, Aroldo de Azevedo Sampaio, João Dias da Silveira, Orlando Valverde pensaram o Brasil e foram nomes nacionais. O IBGE também tem seu papel no estudo do Brasil. No IBGE havia um cotidiano de trabalho muito interessante. Não havia essa preocupação por parte dos geógrafos em publicar um número enorme de artigos. Os trabalhos eram discutidos em grupo, eram feito seminários para discutir os trabalhos e somente depois era publicado na Revista do IBGE. Como os textos eram debatidos no próprio IBGE pelos colegas e pelo autor o produto final era um pensamento institucional, um pensamento do IBGE. E hoje não há mais essa preocupação.

Mônica Machado: E o Pierre Monbeig?

Miguel Alves de Lima: O Monbeig veio para cá, esteve aqui muitos anos em São Paulo. Foi um grande professor também.

Mônica Machado: O Sr. tem por acaso os Boletins do Instituto La-Fayette?

Miguel Alves de Lima: Não, não tenho.

Mônica Machado: E com relação ao estudo locacional da mudança da capital para Brasília?

Miguel Alves de Lima: O IBGE, foi contra, por tudo o que aconteceu depois, com muita razão. Dois pontos fundamentais, na posição do IBGE. Primeiro que o Governo ia perder a sensibilidade do Brasil, tirar a capital, do núcleo, do Rio de Janeiro,



de São Paulo, Belo Horizonte. Era o núcleo onde irradiava o pensamento nacional. Jogar o governo para um lugar onde não havia nada, não era uma ideia que o IBGE aprovasse. Em segundo lugar o investimento que o Brasil ia fazer era muito grande, era muito dinheiro. O que acabou agravando o processo inflacionário brasileiro.

Mônica Machado: O IBGE não teve participação na escolha do local?

Miguel Alves de Lima: Teve sim ele mandou uma turma foi lá, foram duas expedições. O Waibel dirigiu uma, com Orlando Valverde e o Fábio. O Ruellan dirigiu outra. Mas a decisão política não tinha nada com a decisão geográfica. A Geografia, era muito mais ampla, era uma decisão política e não geográfica. Então a crítica que se fez, que é a realidade, foi exatamente essa. Tirar o Governo do Brasil do centro de sensibilidade do país e gastar o dinheiro que não havia. A intenção era tirar a capital do Rio e São Paulo. A ideia do Governo federal era de criar uma capital pioneira, algo que não existia no mundo, uma capital para desenvolver o país no interior. Uma coisa de louco. Os geógrafos do IBGE foram contra.

Mônica Machado: E o Milton Santos?

Miguel Alves de Lima: Eu conhecia muito o Milton, conhecia ele antes de ser geógrafo, quando ele era advogado lá na Bahia. O Milton era um cara muito bom excepcional, mas era um cara marcado, por ser negro ele achava que tinha que enfrentar todo mundo. Parecia que todo mundo devia dinheiro para ele. Quem conhece bem a vida do Milton Santos na França é a Dora Romariz. Eu acho que p sujeito não tem que exigir nada de ninguém, se alguém o reconhece tudo bem se não reconhece eu esqueço. Essa foi minha política sempre na vida. Diferente do Milton. Eu fui fazer um curso na Escola Superior de Guerra, o Castelo Branco estava na turma, em 1956. Ele era ao mesmo tempo estagiário na ESG e do corpo permanente, ele chefe do departamento de estudos e era estagiário e ele acabou me convidando para a ESG.

Mônica Machado: O chegou a trabalhar com a Theresinha de Castro?

Miguel Alves de Lima: Não, a Theresinha veio muito depois. E lá entrei com um colega de turma, na ESG, Fernando Ramos Alencar, era diplomata e fomos colegas de turma no Pedro II. O Fernando era Secretário-geral do Ministério de Relações Exteriores e um dia recebi um telegrama dele me chamando para trabalhar em Montevidéu. Aí eu passei dois anos no Uruguai, fiquei lá em 1960 e 1961. Depois eu fui para o Peru.

Mônica Machado: Professor Miguel, muito obrigada por essa entrevista.